



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

A INTERPOSIÇÃO DO FEMININO NAS RELAÇÕES HOMOERÓTICAS
MASCULINAS: UM ESTUDO DA OBRA *BOM CRIOULO*, DE ADOLFO
CAMINHA, E DA NOVELA "SAPO", DE NESTOR VICTOR

Flavio Lobo Moreira

Rio de Janeiro - RJ

2021

FLAVIO LOBO MOREIRA

A INTERPOSIÇÃO DO FEMININO NAS RELAÇÕES HOMOERÓTICAS
MASCULINAS: UM ESTUDO DA OBRA *BOM CRIOULO*, DE ADOLFO
CAMINHA, E DA NOVELA "SAPO", DE NESTOR VICTOR

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do título
de Bacharel/Licenciado em Letras na
habilitação Português/Literaturas de Língua
Portuguesa.

Orientador: Professor Doutor Gilberto Araújo de Vasconcelos Junior

Rio de Janeiro - RJ

2021

Moreira, Flavio Lobo.

A interposição do feminino nas relações homoeróticas masculinas: um estudo da obra *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, e da novela "Sapo", de Nestor Victor / Flavio Moreira – 2021. 39 f.

Orientador: Gilberto Araújo de Vasconcelos Junior

Monografia (graduação em Letras habilitação Português – Literaturas de Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras. Bibliografia: f. 37-39.

1. Ficção Brasileira. 2. Homoerotismo. I - Moreira/ Flavio. II - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2021. III - Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

FLAVIO LOBO MOREIRA

DRE 116036735

A INTERPOSIÇÃO DO FEMININO NAS RELAÇÕES HOMOERÓTICAS
MASCULINAS: UM ESTUDO DA OBRA *BOM CRIOULO*, DE ADOLFO CAMINHA, E
DA NOVELA "SAPO", DE NESTOR VICTOR

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do título
de Bacharel/Licenciado em Letras na
habilitação Português/Literaturas de Língua
Portuguesa.

Data de avaliação: ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof. Doutor Gilberto Araújo de Vasconcelos Junior
Presidente da Banca Examinadora
Faculdade de Letras / Universidade Federal do Rio de Janeiro

NOTA: _____

Prof.^a Doutora Maria Lucia Guimarães de Faria
Leitora Crítica
Faculdade de Letras / Universidade Federal do Rio de Janeiro

NOTA: _____

MÉDIA: _____

Assinatura dos avaliadores: _____

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela presença constante em todos os momentos da minha vida e por ser a força que jamais me deixou desistir diante do cansaço e das dificuldades vividas nesta instigante jornada acadêmica.

Aos meus pais, Altair e Maria, por todo amor, incentivo e dedicação que me permitiram chegar até aqui, e por me ensinarem, desde a mais tenra idade, o valor substantivo da educação na minha formação pessoal e profissional.

Ao meu irmão, Fábio, exemplo de resiliência e determinação, por todo carinho e suporte dado para a realização deste projeto.

Ao Fernando, companheiro de todas as horas, razão pela qual ingressei neste curso de graduação e com quem pude compartilhar a ideia e elaboração deste trabalho.

Aos meus amigos André Lemos, Adriana Fonseca, Kelley dos Santos e Raquel Barros, pela compreensão nos momentos de ausência e efetivo apoio durante estes cinco anos de estudos.

À minha amiga Aline Arreguy, fiel companheira durante a rotina de aulas, estudos e execução de trabalhos, com quem pude dividir experiências de vida e momentos inesquecíveis que sempre farão parte da minha história.

Ao professor Gilberto, meu maior modelo e inspiração, a quem dedico de forma especial este trabalho, pela paciência, apoio e interesse em partilhar comigo seu conhecimento sobrenatural e legítimo amor à Literatura.

À professora Maria Lucia Guimarães de Faria que, prontamente, aceitou o convite de participar da banca examinadora deste texto monográfico, honrando-me com seu tempo, dedicação e inestimável conhecimento.

Enfim, a todos os demais professores, amigos e familiares que, direta ou indiretamente, contribuíram para a elaboração e finalização desta monografia.

*Apesar das ruínas e da morte,
Onde sempre acabou cada ilusão,
A força dos meus sonhos é tão forte,
Que de tudo renasce a exaltação
E nunca as minhas mãos ficam vazias.*

(Sophia de Mello Breyner Andresen)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 O HOMOEROTISMO À LUZ DA NOVA ORDEM URBANA E HIGIENISTA	9
3 ESTRUTURA E LINGUAGEM: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA NARRATIVA EM BOM CRIOULO E "SAPO"	15
4 A MULHER E O FEMININO NAS RELAÇÕES HOMOERÓTICAS.....	24
5 CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS	37

1 INTRODUÇÃO

Diante da diversidade de formas, vivências e expressões da sexualidade humana, o presente estudo tem como objetivo discorrer acerca da interferência do feminino nas relações homoeróticas masculinas que compõem o romance naturalista *Bom Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, e a novela "Sapo", integrante da obra simbolista *Signos* (1897), de Nestor Victor. Partindo dessa perspectiva, pretende-se, ainda, investigar os caminhos percorridos pela Literatura Brasileira do final do século XIX no tocante à construção subjetiva e aos conflitos internos e externos vivenciados pelos personagens homossexuais.

O romance de Caminha tem como pano de fundo a vida cotidiana dos marinheiros - a disciplina, os dogmas militares, os castigos - e a realidade da homossexualidade vivida de forma velada nas Forças Armadas. Metade da narrativa se passa num navio em alto mar, e a outra parte, na zona portuária do Rio de Janeiro, num período pós-abolicionista e republicano, tendo como foco a relação amorosa entre o marinheiro negro Amaro, chamado Bom Crioulo, e o grumete Aleixo. A história ganha novos contornos e um final trágico quando Aleixo se envolve com a personagem D. Carolina, ou Carola Bunda, como era mais conhecida, uma amiga de Amaro, portuguesa, ex-prostituta e que alugava quartos num sobradinho na Rua da Misericórdia, onde Bom-Crioulo e o Aleixo passam a morar juntos ao desembarcarem no Rio de Janeiro.

A novela de Nestor Victor é pautada na vida e na transformação do desajustado personagem Bruce, que após romper um relacionamento de cinco anos com Ernesto, quando este se envolve com uma mulher, imerge num estado de suprema angústia e isolamento social. Hostilizado pelo mundo e assombrado pelo fantasma do pai, Bruce vai experimentar a mais profunda melancolia, num inexorável processo de decadência e deterioração existencial. A consciência atormentada e a materialização dos conflitos internos levam o personagem a uma metamorfose gradativa e irreversível: Bruce se transforma em um sapo, animal híbrido, costumeiramente reconhecido por provocar asco e repulsão.

Para conferir maior robustez ao referencial teórico da pesquisa, o estudo se inicia com uma breve abordagem sobre a ordem urbana e higienista instaurada no fim do século XIX, ditada pela medicalização e criminalização dos corpos dissidentes, e amparada pelas correntes filosóficas do pensamento cientificista, determinista e evolucionista que nortearam a literatura em direção a uma perspectiva médico-legalista. Para além da ideia de pecado contra a alma, o homoerotismo passa a ser tratado, também, como uma perigosa patologia moral, psíquica e

cívica, em oposição ao "ideal de masculinidade requerido pela família burguesa oitocentista" (COSTA, 1992, p. 24).

Embora tenham sido publicadas no final do século XIX e compartilhem do viés determinista e do mesmo eixo temático, isto é, a relação afetiva e erótica entre dois homens e as repercussões trágicas advindas do seu insucesso, *Bom Crioulo* e "Sapo" apresentam características formais e estéticas distintas, que se não interferem diretamente no aspecto nerval da pesquisa, vão, por outro lado, repercutir de modo peculiar no desenvolvimento da narrativa. Dessa forma, a pesquisa realizada aponta algumas estratégias utilizadas pelos autores no âmbito da linguagem, da estrutura narrativa e da construção dos personagens, sobretudo no que se refere ao contexto de suas sexualidades.

Na sequência, passa a ser discutida a questão central do presente estudo: como o surgimento e a interposição das personagens femininas vão ser determinantes no desfecho das relações homoeróticas masculinas em ambas as narrativas. A análise perpassa o duplo papel desempenhado pela mulher nas obras de Caminha e Victor, quer seja como elemento de ruptura das referidas relações, quer seja como elemento de suposta correção e superação do comportamento homoerótico, por meio da vivência da heterossexualidade. O fato é que, pautadas na ideia de oposição entre certo e errado, natural e antinatural, moral e imoral, evolução e degenerescência, as consequências na vida dos personagens serão determinadas pelos diferentes caminhos trilhados: enquanto Aleixo e Ernesto progredem ao viver um romance heterossexual, rompendo, respectivamente, com Amaro e Bruce, estes, por sua vez, atormentados pelo inescapável sentimento homoerótico, convergem para a mais profunda decadência pessoal e moral.

Contudo, a presença do feminino não se limita, apenas, à superveniente interposição das mulheres nas relações homoafetivas presentes nas obras estudadas, repercutindo, também, na construção de alguns dos personagens masculinos. Nesse sentido, a feminização do comportamento e das características físicas de Aleixo e Ernesto, em antítese às descrições feitas a Amaro e Bruce, contribui, significativamente, para a percepção de que ambas as narrativas foram erigidas sob o arquétipo da heteronormatividade. É exatamente essa forma de ideologia imperativa, em torno de uma sexualidade normalizante, que se pretende discutir e examinar a partir dos textos literários analisados, à luz do papel desempenhado pelas mulheres como estratégia de restabelecimento da ordem sexual considerada "normal" ou "natural", e como o processo de feminização dos personagens contribui para a percepção de uma moldura heteronormativa na caracterização das relações homoeróticas.

2 O HOMOEROTISMO À LUZ DA NOVA ORDEM URBANA E HIGIENISTA

A caracterização decadentista do sujeito homossexual na literatura erótica do final do século XIX seguiu a ordem médica e higienista instaurada nos grandes centros urbanos, inicialmente com o objetivo de melhorar as condições sanitárias das cidades, mas que, logo depois, "convergiram também para questões morais" (MAIA, 2019, p. 17). Assim, além do corpo, "as emoções e a sexualidade dos cidadãos passaram a sofrer interferência" (TREVISAN, 2004, p. 172). Surgem as noções de normal e anormal, consolidadas por uma nova ordem que estabeleceu um conjunto imperativo de normas sociais e comportamentais, segundo as quais diversas práticas "desviantes" passam a ser consideradas antinaturais e aberrações, "que afetam não somente a vida, a honra e a liberdade de suas infelizes vítimas, como também comprometem a segurança social" (CASTRO, 1943, p. 5).

É neste contexto sociocultural que as sexualidades consideradas dissidentes passam a integrar o campo de estudos dos médicos, psicólogos e juristas, cujos "dispositivos biopolíticos [...] buscavam controlar, organizar e reprimir os corpos a partir de interpelações normativas e hierárquicas de gênero, etnia, classe, sexualidade, incapacidade" (TEIXEIRA *apud* MAIA, 2019, p. 18). Além da normalização da heterossexualidade e da patologização das expressões sexuais destoantes, a utopia higienista repercutiu "não só na produção espacial, mas também na produção de corpos, subjetividades e identidades" (MAIA, 2019, p. 18). O discurso médico ganha força peremptória e, lastreado pela ideia de degenerescência, a sexualidade passa a ser palco de doenças e desvios psicológicos, levando à psiquiatrização, confinamento ou expulsão daqueles considerados perversos, perigosos ou subversivos à implementação da nova ordem de saneamento urbano. O sujeito homossexual, então, transforma-se num tipo, numa "espécie" submetida à ciência médica para ser curada ou à ordem jurídica para ser punida. Nesse sentido, Foucault (1999, p. 43-44) afirma que:

A sodomia [...] era um tipo de ato interdito e o autor não passava de um sujeito jurídico. O homossexual do século XIX torna-se um personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida [...] O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie.

Segundo Queiroz (1992, p. 18), como expoente do desenvolvimento e progresso desejados pela burguesia, "a medicina avançou e penetrou tanto em sentido vertical quanto em sentido horizontal no espectro social", instituindo uma nova ordem que, conforme descreve Costa (1992, p. 62), passou a controlar corpos, comportamentos e sexualidades, tratando as práticas homoeróticas como vício e doença:

As noções de instinto e evolução sexuais foram para as liberdades morais o que o progressismo e o transformismo foram para as liberdades sociais. Forneceram as justificativas para os controles dos sexos e corpos sem aparentemente ferir as leis das virtudes cívicas. Com o instinto e a evolução, passou-se a saber cientificamente o que deveria a normalidade moral, fronteira natural da liberdade política. A natureza não errava; simplesmente seguia sua tendência com a evolução. Portanto, o que fugisse a essa tendência era desvio, arcaísmo ou regressão.

[...] O imoral era o anormal, e o anormal era um degenerado ou um anômalo. Anômalo que, logo em seguida, tornou-se o perverso, termo que, assim criado, veio adjetivar ou substantivar todo sujeito com inclinações homoeróticas. O que outrora era crime, agora era um misto de vício e doença; doença dos espíritos viciosos ou espíritos viciosos de doentes mentais degenerados ou portadores de observações instintivas.

Mediante essa visão predominantemente médico-biológica, amparada pela teoria evolucionista de Charles Darwin, a sociedade burguesa tinha no processo de normalização o cerne do seu desenvolvimento, sendo que "Todos os desvios do modelo economicamente produtivo e biologicamente reprodutivo da família burguesa eram classificados como aberrações" (MISKOLCI, 2003, p. 94). Para além do aspecto meramente religioso, a sexualidade passa a ser objeto de estudo e controle da ciência, repercutindo na produção e categorização de subjetividades, com o intuito de defender e preservar os valores morais da tradição familiar oitocentista, pautados na relação heterossexual, monogâmica e patriarcal, de caráter fundamentalmente reprodutivo, sobretudo no que se referia à mulher:

As mulheres, por outro lado, aprendem as tarefas de casa e lhes é imbuído o que se chama de instinto materno. Ao contrário dos homens, não podem ter relações sexuais antes de casar, chegando ao casamento ainda virgens. Além disso, ainda neste Brasil popular, uma vez casadas, não deveriam demonstrar muito gosto pelo sexo. Afinal, neste esquema, o sexo é apenas um meio para um fim: a procriação. As mulheres que não seguem este caminho, ou porque não querem ou porque não podem, provavelmente serão classificadas de prostitutas, pois estas devem gostar do sexo (ou pelo menos fingir que gostam) e são, por definição, promíscuas. (FRY e MACRAE, 1983, p. 42)

Portanto, das diversas expressões da sexualidade humana, "salvou-se apenas a heterossexualidade como única prática normal e funcional" (QUEIROZ, 1992, p. 39), tomada não só como padrão, mas também como uma possível rota de correção e superação de quaisquer outros comportamentos dissidentes, considerados uma ameaça ao projeto higienista e de normalização médica. O homoerotismo, assim, despontava como uma conduta disfuncional e um perigo aos ideais burgueses, sendo diagnosticado como uma patologia decorrente de taras psicológicas hereditárias ou determinadas por influências nocivas de certos meios ou grupos sociais (MAIA, 2019).

Sob esse aspecto, Costa (1992) vai abordar as ideias de "homossexualismo de escola" e "homossexualismo de caserna", segundo as quais a experiência íntima entre homens, por

vezes violenta e traumática, é institucionalizada e propiciada pelo próprio meio. A perversão homoerótica vivida na infância repercutirá na fase adulta do indivíduo, vinculando-se "a cenários de violência, sadomasoquismo, delações, ciúmes mórbidos e abuso dos mais fracos pelos mais fortes" (COSTA, 1992, p. 51). Assim, o transviado da infância se transforma no assassino e no torturador ao alcançar a idade adulta. Em ambientes inflexíveis e de rígida disciplina, como os quartéis, "os militares homoeroticamente inclinados entregam-se a verdadeiras orgias de brutalidade contra as 'vítimas' de suas aspirações sexuais. O desejo amoroso torna-se uma descida aos infernos" (Ibid., p. 52), gerando sofrimento e desespero, para os quais as únicas soluções possíveis seriam o assassinato, o encarceramento ou o suicídio.

Desse modo, o homoerotismo torna-se um alvo da teoria de degenerescência parametrizado pelo pensamento médico-científico, que procurava diagnosticar e definir uma "identidade homossexual", amparada em clichês equivocados que estigmatizavam o sujeito como um ser de exceção, marginal, exótico e parasitário:

No século XIX [...] começou a surgir a fim de que os médicos, sexólogos, psiquiatras, juristas etc., pudessem entender-se sobre quem dentre os "homossexuais" era um "verdadeiro degenerado", um "verdadeiro pervertido", um "invertido simples sem outros sinais de degeneração" ou, por fim, um "vicioso", um "obsceno" que mesmo não sendo "verdadeiramente homossexual" praticava o "homossexualismo" pelo gosto da depravação. Essas questões nada tinham de teóricas. Eram questões jurídico-legais e tratavam dos limites histórico-sociais do ideário burguês, então triunfante em pleno apogeu. Tratavam de "até onde a ideia de igualdade, liberdade e direito à privacidade podia ser respeitada" sem que o modo de vida burguês fosse contestado ou posto em xeque. Por conseguinte a preocupação com a "verdadeira homossexualidade", na versão "adâmica" do "homossexualismo natural", reflete a obsessão criada pelas ideologias instintivistas, evolucionistas e racistas do século XIX para justificar o modelo da sexualidade familiar conjugal e heterossexual enquanto fortaleza da moral privada e signo da superioridade da cultura burguesa frente as outras classes sociais e aos povos colonizados (COSTA, 1992, p. 32-33).

Nesse sentido, Fry e MacRae (1983, p. 64) descrevem um depoimento médico do século XIX, acerca da caracterização patológica do sujeito homossexual:

Para Krafft-Ebing, o homossexualismo era ou uma patologia congênita ou uma mera perversão quando praticado por pessoas não uranistas. Este médico austríaco [...] chegou à conclusão de que os uranistas sofrem de uma mancha psicopática, que mostram sinais de degenerescência anatômicos, que sofrem de histeria, neurastenia e epilepsia. Acrescenta ainda que na maioria dos casos, anomalias psíquicas [...] são presentes, e podem se estender a condições salientes de degeneração mental (imbecilidade, loucura moral).

Além da atuação dos médicos no processo de diagnóstico e tratamento dos comportamentos sexuais considerados anormais, a nova ordem urbana e higienista também

contou com o aparato jurídico-policial para cancelar aquilo que Foucault (1999, p. 39) vai chamar de "movimento centrífugo em relação à monogamia heterossexual". Inserido no contexto das anomalias sexuais, o homoerotismo se torna passível de criminalização e intervenção direta da polícia, que deveria "capturar os homossexuais, considerados delinquentes, e entregá-los aos pesquisadores do campo da medicina para estudos" (GREEN; POLITO, 2006, p. 21). Com efeito, indivíduos que apresentassem, por exemplo, comportamentos efeminados, cabelos longos, roupas ou maquiagem femininas, que se prostituíssem ou fossem flagrados em ambientes públicos, como parques e praças, em busca de relações sexuais classificadas como espúrias, eram submetidos à custódia das autoridades policiais e judiciárias.

Viveiros de Castro (1862-1906), jurista e defensor intransigente das concepções positivistas e lombrosianas acerca da natureza do homem criminoso, em sua obra *Atentado ao pudor: estudos sobre as aberrações do instinto sexual* (1895), na qual, inclusive, faz menção expressa a *Caminha* e *Bom Crioulo*, aponta os delitos de ordem sexual como produto da degradação dos bons costumes e da família, introduzindo, no país, um saber médico-jurídico, por meio do qual reconhecia, conceituava e tipificava as condutas e práticas consideradas patológicas:

Mas quando para estes desgraçados se levantam implacavelmente a severidade da justiça e a censura da opinião, é que a ciência aparece, austera, calma, fria, examinando se há realmente uma alma estragada e corrompida, um perverso a punir, ou se este ato por ele praticado é uma manifestação de degenerescência mental ou nervosa, um impulso irresistível de vontade sem energia, sem ter mais centros inibitórios (CASTRO, 1943 [1895], p. 6).

Desvinculado da ideia de reprodução, o coito anal constituía um despropósito, uma perversão sexual contrária a uma sexualidade "sadia" e "natural", devendo, portanto, ser julgado e punido como crime. Desse modo, os indivíduos então designados como "pederastas" passaram a ser associados a outras espécies de criminosos, como ladrões, assassinos e prostitutas. A prostituição masculina não era compreendida como uma forma de trabalho ou uma via para a satisfação sexual, mas sim como um crime ainda mais nocivo e perigoso do que a prostituição feminina. Não à toa, dentre as manifestações da sexualidade humana consideradas desviantes, o homoerotismo masculino foi aquela que recebeu maior atenção dos criminologistas e psiquiatras nas investigações realizadas para se apurar as origens da criminalidade (MAZZIEIRO, 1998). Essa correlação entre prática homoerótica e crime, assim como as pesquisas médicas "sobre as causas biológicas e sociais da homossexualidade, com ênfase sobre os biotipos e ambiente social dos indivíduos em

questão" (FRY; MACRAE, 1983, p. 66-67), fizeram com que os homossexuais vivessem na sombra da clandestinidade, principalmente pelo medo da violência e da repressão policial.

Sobre as possíveis origens do comportamento homoerótico, Castro (1943) entendia que, preponderantemente, a pederastia era uma espécie de inversão adquirida, constituindo mais uma enfermidade da vontade do que uma enfermidade da sensibilidade genésica, sendo, portanto, um vício, um hermafroditismo moral instintivo, uma loucura erótica patológica. Por isso, para saciarem os seus desejos, os homossexuais não conheceriam limites, enveredando-se para práticas criminosas como o estelionato, o abuso de confiança, o roubo e o assassinato. Em outros casos, a inversão sexual seria congênita, integrando, desde a infância, a personalidade física e psíquica do indivíduo, conduzindo-o a um processo de efeminização e de perda dos traços de virilidade característicos do sexo masculino.

O jurista ainda faz uma descrição absolutamente estereotipada dos indivíduos homossexuais, que, assim como as mulheres, teriam paixão pela *toilette*, usando enfeites, joias, maquiagens, além de flores e grinaldas no cabelo. Gostavam de ser designados por nomes femininos e nutriam especial prazer em vestir-se como as mulheres, com roupas de cores vistosas e detalhes em renda. Também não seguiam as profissões que demandassem qualidades viris, preferindo trabalhar como alfaiates, modistas, lavadeiros, engomadores, cabeleireiros, floristas etc. (CASTRO, 1943, p. 228-229).

Acerca da ilegalidade das práticas homossexuais ao longo da história do Brasil, Green (2000) ressalta que, se no período colonial, a Inquisição e a lei portuguesa condenavam os sodomitas à fogueira e ao confisco de suas propriedades, nos códigos penais brasileiros de 1830 e 1890 não havia qualquer referência direta à sodomia ou à sua criminalização. Contudo, isso não implicava em liberdade sexual, visto que a prática homoerótica poderia ser enquadrada como ato de indecência, nos termos do artigo 280 do Código Penal de 1830, ou como atentado ao pudor, consoante o disposto no artigo 266 do Código Penal de 1890, assim tipificado: "atentar contra o pudor de pessoa de um, ou de outro sexo, por meio de violência ou ameaças, com o fim de saciar paixões lascivas ou por depravação moral".

Ao lado disso, outros dispositivos presentes no código republicano também procuravam inibir quaisquer manifestações públicas de comportamento homoerótico, conferindo poderes à polícia e ao judiciário para punir atos públicos considerados obscenos e ultrajantes, conforme descrito no artigo 282:

Ofender os bons costumes, com exhibições impudicas, atos ou gestos obscenos, atentatórios do pudor, praticados em lugar público ou frequentado pelo público, e que, sem ofensa à honestidade individual de pessoa, ultrajam e escandalizam a sociedade.

Por fim, outras práticas associadas ao homoerotismo como disfarçar o sexo por meio de trajes impróprios com o intuito de ludibriar pessoas ou, ainda, prover a própria subsistência por intermédio de ocupação proibida por lei, ou manifestamente ofensiva à moral e aos bons costumes, foram criminalizadas à luz dos artigos 379 e 399, respectivamente, condenando-se, assim, o travestismo e a vadiagem. Conforme afirma Green (2000, p. 58), "Embora a homossexualidade em si não fosse tecnicamente ilegal, a polícia brasileira e os tribunais dispunham de múltiplos mecanismos para conter e controlar esse comportamento".

No entanto, ainda que o aparato judicial conferisse à polícia a autoridade para prender indivíduos que transgredissem as normas sexuais aprovadas socialmente, diversos espaços públicos eram utilizados para encontros homoeróticos, que aconteciam de forma clandestina, furtiva e silenciosa, adstrita a espaços específicos, como, por exemplo, o Largo do Rocio (RJ), onde "nos bancos e arbustos do parque, homens que buscavam outros homens para relações sexuais fortuitas beneficiavam-se da moralidade frouxa nessa parte da cidade para satisfazer seus próprios prazeres" (GREEN, 2000, p. 61). Isso demonstra que, apesar da censura e perseguição, práticas sexuais então reprováveis – como a prostituição e o próprio homoerotismo – resistiam veladamente em determinadas áreas das cidades, sobretudo naquelas de intensa atividade noturna e com policiamento menos ostensivo em razão da presença de cidadãos célebres e bem-relacionados, que frequentavam esses espaços em busca de prazer e diversão.

Portanto, diante dessa ideologia higienista que estabelece uma sexualidade normatizadora que culpa, castra, reprime e condena as expressões sexuais consideradas dissidentes, o homoerotismo é apontado como a antinorma ao modelo heteronormativo então chancelado pelo saber médico e também tutelado pela ordem jurídica, sendo, por isso, estigmatizado como um comportamento patológico, criminoso e degenerante. Assim, a heterossexualidade é apresentada não só como um possível antídoto aos eventuais desvios, mas também como o único caminho viável para o progresso, sucesso e felicidade do indivíduo.

3 ESTRUTURA E LINGUAGEM: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA NARRATIVA EM *BOM CRIOULO* E "SAPO"

De ação nitidamente moralizadora, a literatura oitocentista seguiu a tendência realista de abandonar a subjetividade introspectiva, abordando temas menos idealizados pelas convenções românticas e mais próximos da realidade e dos problemas da época, como o adultério, o casamento por interesse, a hipocrisia da sociedade burguesa, os males da religiosidade mercantilista, além, é claro, do lesbianismo e da homossexualidade masculina (OLIVA, 2002, p. 24). Há uma migração do interesse estético para uma nova conjuntura, pautada em abordagens de cunho sociológico, antropológico, psicanalítico e filosófico (BULHÕES, 2003, p. 13), de modo a descrever os personagens de forma minuciosa, sem qualquer condescendência ou eufemismo, revelando tipos sociais moralmente questionáveis segundo os valores burgueses da época. Dessa forma, os olhares se voltam para a vida social e para os conflitos advindos dos vícios que acometiam a sociedade capitalista do século XIX.

Na esteira do pensamento determinista, as condições dos indivíduos no cenário social são resultantes da imperiosa relação de causalidade e da influência direta e inafastável de fatores como o meio, a raça, a hereditariedade e também do momento histórico vivido. Por isso, no contexto das obras analisadas, a degenerescência imputada à sexualidade dos personagens em *Bom Crioulo* e "Sapo" permite adiantar que, seja pela prisão de Amaro ou pela transformação de Bruce, o homoerotismo é tratado como um caminho sem volta, de repercussões trágicas e indeléveis na vida dos personagens.

Na obra de Caminha, esse viés determinista está presente no comportamento, na descrição e nos caminhos trilhados pelo protagonista, que sendo negro e homossexual, não poderia ter um desfecho diferente: Bom Crioulo é preso pelo assassinato de Aleixo. A questão racial, embora não constitua a trama principal do romance, acaba sendo invocada em diversos momentos da narrativa, quando, por exemplo, Amaro é descrito como uma "figura exótica de um marinheiro negro [...] em cuja fisionomia acentuavam-se linhas características de estupidez e subserviência" (CAMINHA, 2014, p. 69), ou, ainda, quando Aleixo se refere, de modo depreciativo, ao "bodum africano" do seu amante (Ibid., p. 164).

Nota-se, ainda, que as características do personagem principal exaltadas no curso da narrativa são as mesmas que o senhorio espera de um negro escravo para trabalhar em seu cafezal: força física, disposição para o trabalho e docilidade. Daí sua alcunha, Bom Crioulo, um "negro que dava para gente" (CAMINHA, 2014, p. 85). Na condição de ex-escravo,

Amaro, num primeiro momento, exalta o regime aparentemente igualitário havido na Marinha, no qual, mesmo diante dos rigores da disciplina militar, "não se olhava a cor ou a raça do marinheiro: todos eram iguais, tinham as mesmas regalias" (Ibid.). Comia bem, dormia com relativo conforto e ainda tinha seus dias de folga. Situação muito diferente daquela que vivera durante os anos de escravidão, quando, então, se submetia aos penosos trabalhos nas lavouras de café e aos castigos do tronco e do chicote. Mas depois, quando se vê obrigado a servir em outra embarcação e se afastar de Aleixo, o irresignado protagonista se percebe na mesma posição servil e subserviente de um escravo, concluindo que "marinheiro e negro cativo, afinal de contas, vêm a ser a mesma coisa" (Ibid., p. 134).

Os desejos de Bom Crioulo por Aleixo também são descritos de forma tipicamente naturalista, beirando a paranoia e a obsessão, como uma atração animalesca que provoca no protagonista "uma sede tantálica de gozo proibido, que parecia queimar-lhe por dentro as vísceras e os nervos" (CAMINHA, 2004, p. 96). Subjugado por um ímpeto sexual incontrolável, o personagem se torna refém de seus instintos mais adâmicos, de tal modo que, assim como o corpo é afetado por uma doença, seus desejos pelo grumete adoecem sua alma e dominam completamente seus pensamentos, numa espécie de impulso invencível da natureza humana que se sobrepõe a sua razão. Parece que, mesmo em se tratando de um homem livre, o marinheiro negro permanece na condição de cativo e prisioneiro: se outrora eram os grilhões da escravidão que o privavam de sua liberdade, agora é seu "desejo louco de amor físico" (Ibid., p. 103) que o mantém acorrentado.

Após consumir o ato sexual com Aleixo, as lembranças do encontro provocam uma série de reações fisiológicas no corpo de Bom Crioulo. Além da voraz libido, a narrativa deixa claro que o próprio personagem não consegue desvincular seu desejo homoerótico da ideia de doença, desvio, pecado e castigo:

Ao pensar nisso Bom Crioulo sentia uma febre extraordinária de erotismo, um delírio invencível de gozo pederasta... Agora compreendia nitidamente que só no homem, no próprio homem, ele podia encontrar aquilo que debalde procurava nas mulheres. Nunca se apercebera de semelhante anomalia [...] E o mais interessante é que "aquilo" ameaçava ir longe, para mal de seus pecados... Não havia jeito senão ter paciência, uma vez que a "natureza" impunha-lhe esse castigo. (CAMINHA, 2014, p. 113-114)

Transtornado pelos seus desmesurados desejos, Bom Crioulo vai se afastar da convivência dos demais marinheiros, transformando-se em alguém sombrio e recluso. Torna-se mais arredio e seu rendimento no trabalho é comprometido, fazendo com que ele perca o posto de gajeiro de proa. Nas duas vezes em que o personagem é fisicamente castigado, a

razão é sempre Aleixo: na primeira, por esmurrar um segunda-classe em defesa do grumete; na segunda, por brigar com um português no cais, após se embriagar com medo de perder o efebo. É pelo "desajuste" de sua sexualidade que Bom Crioulo é levado à chibata e, posteriormente, tomado por um ciúme obsessivo e sentindo-se traído ao descobrir a relação de Aleixo com Carola, comete o homicídio que compõe o desfecho trágico da narrativa:

Os olhos do negro tinham uma expressão feroz e amargurada, muito rubros, cruzando-se, às vezes, num estrabismo nervoso de alucinado. [...] E D. Carolina, que também chegara à janela com a vozeria, com o barulho, viu, entre duas filas de curiosos, o grumete ensanguentado... [...] Aleixo passava nos braços de dois marinheiros, levado como um fardo, o corpo mole, a cabeça pendia para trás, roxo, os olhos imóveis, a boca entreaberta. (CAMINHA, 2014, p. 212; 214)

O assassinato de Aleixo é resultado da condição já degenerada de Amaro, determinada pela sua condição sociorracial e pela inviabilidade de seus desejos homoeróticos perante a sociedade oitocentista. Num mundo ditado pelo capital e pelos padrões eurocêntricos do homem branco e heterossexual, as chances de êxito e progresso de Bom Crioulo, um marinheiro negro e homossexual, eram improváveis. Não à toa, por vezes o protagonista é descrito com fortes traços de animalização, sendo designado como "uma fera desencarcerada" ou como um "animal feroz" (CAMINHA, 2014, p. 79; 158). Ainda que o zoomorfismo não constitua um procedimento descritivo atrelado exclusivamente aos personagens negros e homossexuais, é possível inferir que, pelo próprio pensamento determinista, a etnia e a sexualidade de Amaro se tornam componentes potencializadores desse processo. Comparar a pessoa a um animal enfatiza a ideia de que o homem, mesmo no contexto da civilização, não consegue se desprender de sua essência primitiva. Trata-se do rebaixamento de sua condição humana, da "negação do indivíduo como sujeito da história, dada sua incapacidade de superar as determinações hereditárias impostas por sua formação racial" (MURARI, 2007, p. 160). Por isso, a mestiçagem ou qualquer outra etnia que não fosse a branca era tomada como fator de degeneração e de menor capacidade de aprimoramento e evolução do indivíduo.

Segundo Mendes (2000), o fatídico final de *Bom Crioulo* e o infeliz destino de Amaro também são prenunciados por um outro fator: a introdução de elementos góticos na narrativa. A descrição de determinados espaços como a corveta¹, o sobradinho² e o hospital³ revela que

¹ "Estava outra, muito outra com seu casco negro, com as suas velas encardidas de mofo [...] No entanto ela aí vinha - esquife agourento - singrando águas da pátria, quase lúgubre na sua marcha vagarosa; [...] lenta, pesada, como se fora um grande morcego apocalíptico de asas abertas sobre o mar." (CAMINHA, 2014, p. 67)

² "- É aqui, disse Bom Crioulo, reconhecendo a casa e desaparecendo num corredor sem luz, que ia ter ao sobradinho [...] Subiram cautelosos, por ali acima, uma escada triste e deserta, cujos degraus, muito íngremes, ameaçavam fugir sob seus pés. [...] O quarto era independente, com janela para os fundos da casa, espécie de sótão ruído pelo cupim e tresandando a ácido fênico." (Ibid., p. 119; 125)

a problemática sexualidade do protagonista está circunscrita a ambientes de decadência, ruína e mistério, como se uma atmosfera sempre soturna e fúnebre preparasse o leitor para o pior, fomentando um sentimento de horror diante de uma realidade considerada imoral e repulsiva. Imerso nessa atmosfera gótica, o homoerotismo só pode ser compreendido como uma severa transgressão à ordem, um crime de natureza hedionda, razão pela qual a relação íntima entre Amaro e Aleixo é, sistematicamente, escamoteada pelo narrador, sobretudo quando se trata de narrar a concretização dos atos homossexuais entre os personagens.

Todavia, ressalta Mendes (2000), na segunda metade da obra, quando a relação entre Aleixo e D. Carolina passa a receber maior atenção, a névoa gótica é dissipada e o narrador se comporta de maneira mais realista e objetiva, utilizando-se de uma linguagem mais espontânea e clara, sem maiores interditos. Se nos momentos de intimidade entre Amaro e Aleixo, o ambiente sombrio e de escuridão total poupa o narrador da incômoda tarefa de descrever o ato sexual entre os personagens, levando o leitor a presumir ou imaginar a continuidade da cena, a relação sexual entre Aleixo e Carola, por outro lado, é descrita às claras, sem qualquer constrangimento. Assim, parece nítido que, ao tratar do relacionamento heterossexual, o narrador abre mão de disfarces e artifícios, assumindo, integralmente, seu papel como observador científico.

Além disso, o comportamento do narrador se mostra oscilante em relação a Amaro: ora ele se aproxima do personagem, tratando sua sexualidade de forma até complacente, principalmente nos discursos indiretos livres, quando acaba por se render "à mentalidade e ao vocabulário do protagonista, de um coloquialismo incompatível com as citações científicas" (MENDES, 2003, p. 37), ora dele se afasta, por meio de discursos e falas nitidamente médico-moralizantes, condenando Bom Crioulo de forma absolutamente cruel. Isso demonstra que, apesar de seu esforço e ousadia em dar voz a um personagem homossexual, o narrador não quer com ele ser confundido, aproximando-se de forma calculada dos sentimentos do protagonista, sem, contudo, desatrelar-se da perspectiva higienista que norteia sua abordagem.

No tocante à linguagem, essa ambiguidade se torna ainda mais nítida. Em diversos trechos da obra, o comportamento homoerótico do protagonista é descrito taxativamente como vício, delito, anomalia e castigo. Já em outros momentos, a sexualidade do personagem acaba sendo escamoteada pelo narrador, com o uso de expressões como "cousas" e "aquilo". O emprego das aspas permite depreender o caráter relativo e impreciso atribuído ao

³ "Aí, como em todos os alojamentos do hospital, predominava um cheiro erradio de desinfetantes, o vago odor característico das casas de saúde e dos necrotérios, insuportável, às vezes, como uma exalação de sepultura aberta. [...] Pairava na atmosfera calma do hospital um cheiro muito vivo de alfazema queimada, assim como um vago odor de câmara mortuária." (Ibid., p. 175; 179)

significado das palavras demarcadas: "[...] na medida em que ele se aproxima da consciência de Bom Crioulo e a ela se rende, o narrador emprega o sinal gráfico para marcar um afastamento desses conceitos" (MENDES, 2003, p. 40). Trata-se, portanto, de uma estratégia do narrador para, no momento do discurso indireto livre, imprimir certo distanciamento entre seus pensamentos e os do protagonista.

Por isso, no contexto em que sua voz pode ser confundida com a do personagem, o narrador faz uso do pronome demonstrativo "aquilo", que demarca distância de quem fala ou com quem se fala, enfatizando, dessa forma, que os pensamentos e desejos exteriorizados pertencem a Amaro e que descrevê-los não significa que compactue com eles. Do mesmo modo, o substantivo "cousas" se refere a algo que não se quer ou não se pode nomear, permitindo ao narrador se aproximar "do domínio da homossexualidade sem nomeá-lo de forma explícita" (MENDES, 2003, p. 131), reforçando, assim, a ideia de abominação e reprovação acerca da sexualidade de Bom Crioulo.

No que se refere à novela "Sapo", a narrativa logo se inicia com a briga entre Bruce e Ernesto: este clamando pela liberdade de se relacionar com quem deseja, e aquele tomado pelo sentimento de ira e ciúme. Diferente de *Bom Crioulo*, em que, apenas no meio do romance, o leitor percebe a inexorável ruptura da relação homoerótica entre Amaro e Aleixo, em "Sapo" não há surpresas: no primeiro capítulo da novela, já se sabe que o relacionamento entre os personagens homossexuais chegara ao fim. Inclusive, Ernesto praticamente desaparece a partir da metade da narrativa. Desse modo, se na obra de Caminha há uma linearidade temporal dos fatos e acontecimentos, na novela de Victor ocorre uma analepse: após o rompimento entre Bruce e Ernesto, a narrativa volta no tempo para explicar como se deu o início da "amizade" entre os dois personagens.

"Sapo" é narrada em terceira pessoa e apresenta uma série de monólogos por meio dos quais o protagonista expõe todas as suas angústias e decepções, tal como também se verifica em *Bom Crioulo*. A diferença é que, na novela de Victor, diversas passagens demarcam uma concepção mística e transcendental do mundo, partindo-se do conhecimento sensorial e intuitivo para explicar os fenômenos humanos, conforme se depreende do excerto abaixo:

A sua grande ânsia era apenas por deixar esta baixa realidade terrena, porque ele a sabia um nojento simulacro, entrar, soluçante, no Sonho, que era a Vida legítima, o definitivo Real. Toda alma, disse ele a meia voz, tem o pressentimento de seu destino, como tem-no quem sobe ou quem desce, pelo peso ou pela fluidez da atmosfera que sustenta aos ombros. (VICTOR, 1987, p. 142)

Nesse sentido, é possível notar a subjetividade do narrador em diversos momentos do texto, sobretudo pelo emprego de expressões que fogem da mera observação e denotam um caráter mais opinativo. Gama (2020, p. 456) afirma que, não obstante o uso de termos técnicos, como, por exemplo, "antropoide" e "pródromos" (VICTOR, 1897, p. 134 e 192), o vocabulário utilizado é frequentemente marcado por modalizadores, advérbios e, sobretudo, por gradações lexicais que denotam uma presença mais perceptível do narrador, distanciando-se, assim, da ficção naturalista.

A profusão do uso de letras maiúsculas em palavras como "Sonho", "Vida" e "Real" desvela a estética simbolista, na qual as ideias expressas pelos substantivos sofrem uma espécie de animização ou personificação (CAMBRAIA, 2005), potencializando seus efeitos e alçando seu significado. A verdade por trás da existência humana passa a ser justificada por um estado de transcendência, muitas vezes marcado pelo fantástico e pelo grotesco, desagradando os naturalistas "que viram na obra de Nestor Victor essas contaminações metafísicas" (MURICY, 1976, p. 178).

Diante do fim de seu relacionamento com Ernesto, considerado pelo protagonista como a "única árvore que dava sombra no deserto" (VICTOR, 1897, p. 145), Bruce se percebe num mundo hostil e desarmonioso, que o leva a evadir-se do real e adentrar num estado de transe, "transportando-se para o sonho vago e indeciso do sonâmbulo, espécie de faquirismo literário, em que a alma vaga no espaço indeterminado" (ARARIPE JR., 1980, p. 102). O personagem procura escapar da realidade, privilegiando a via sensorial de forma a diminuir a distância entre a matéria e o espírito, o corpo e a alma, o sonho e a loucura. É um ser atormentado, inapto à convivência social, e que, ao perder o amor de sua vida, rompe com o mundo exterior e se fecha em seu círculo de sofrimento e delírios, tornando-se uma espécie de misantropo com tendências masoquistas e suicidas.

Interessante registrar, ainda, que a explicação e o alívio das dores e agonias sentidas pelo protagonista vão ser buscados na dimensão divina, mística e sobrenatural, em oposição ao espírito científico e ao materialismo tão patentes na segunda metade do século XIX. Bruce é um homem de 30 anos, confiante, altivo, que perdera a mãe na tenra idade, tendo vivido uma relação de completo abandono afetivo e sem qualquer diálogo ou intimidade com o pai, um fanático religioso a quem o personagem se refere como "sombra inútil" (VICTOR, 1897, p. 171) e de quem recebera, como legado, uma Bíblia e um livro sueco de doutrinas místicas.

De modo a encontrar algum consolo ou alento para a alma, o protagonista, nos dias de angústia e desespero, dedicava horas à "leitura intrépida daqueles dois livros sobre-humanos, obscuros e formidáveis, únicos capazes de lhe prenderem a atenção" (VICTOR, 1897, p. 163).

Em seus devaneios e isolamento, Bruce chega a cogitar tornar-se um novo Isaías, utilizando-se de referências bíblicas e de discursos amparados em pensamentos profético-religiosos para transcender as dores da vida corpórea e material. Compreendendo o mundo como um lugar inóspito, o personagem sucumbe ao sentimento de decadência e horror, embrenhando-se, cada vez mais, num estado de solidão, revolta e indignação. À exceção de Ernesto, não conseguira fazer amizades no trabalho, sendo um constante alvo da desconfiança e da maledicência daqueles com quem se via obrigado a conviver, descritos por Bruce como "fantasmas vazios" ou "podres farrapos espedados a ambular" (Ibid., 1897, p. 138).

Na verdade, ao esbravejar e se referir descontroladamente às pessoas como "canalhas" ou "sapos", o protagonista da novela de Victor parece apresentar sintomas de uma patologia muito em voga no século XIX e geralmente atribuída às mulheres: a histeria. Aprofundada no contexto médico e cientificista da época, "a histeria não só parecia molestar os que dela se queixavam como os afastava da realidade, danificando seu potencial de sociabilidade" (CANAVÊZ; HERZOG, 2007, p. 120). À desvirtuada sexualidade do personagem é atribuída a razão de todos os seus males e infortúnios, levando-o a um estado de neurose diante da irresignação pela perda de Ernesto e da censura dos seus desejos homoeróticos, reprimidos em seu inconsciente ou sublimados de maneira fantasiosa. A transgressão da ordem sexual considerada "normal" e a subversão do próprio corpo levam Bruce à ruína, que, de forma irônica e trágica, acaba se tornando exatamente "aquilo" que mais repugnava.

As aparições fantasmagóricas de seu pai, que passam a assombrá-lo sempre sob diferentes formas e tamanhos (ora anão, ora gigante, ora nuvem e fumaça), introduzem o componente fantástico e sobrenatural à obra de Victor e, ao mesmo tempo, prenunciam o estado de iminente loucura do personagem. O fantasma do pai, que no início ouve complacientemente as confissões de Bruce, passa, logo depois, a acusá-lo e amaldiçoá-lo:

Filho, eu ainda te chamo assim para ter o direito de te amaldiçoar, como te amaldiçoo para sempre!! Tremes?! Ele ironizou pungente, como visse o infeliz numas convulsões de epilético, tremes?! Que fizeste de teu incomparável orgulho, então?! Ah! É que te sentes podre, já meio oco, como um olho que de tanta sânie vazou! Tinhas orgulho por quê? Hoje, vê tu, és pior do que todos quantos desprezavas! Hoje, Bruce, hoje tu és sapo!! (VICTOR, 1897, p. 205)

O difícil histórico familiar de Bruce parece ter repercussões substantivas em sua relação com Ernesto, conduzindo-o a um estado de dependência e, sobretudo, de profunda depressão após o término. Sem conseguir lidar com o esbulho sofrido, o personagem se defronta com a solidão e a amargura, perdendo "a consciência de si mesmo e reduzindo-se a uma cousa, vencido pelo excesso de dor" (VICTOR, 1897, p. 151). Passa a andar pelas ruas

"como uma mulher de *trottoir*" (Ibid., p. 189), mantendo contatos superficiais e fazendo agrados para conseguir companhia, num prenúncio da decomposição moral que, mais adiante, levará Bruce ao vício da embriaguez e a uma vida de libertinagem, pautada em relações de puro interesse material.

Além da crítica à sociedade burguesa e a hostilidade de um mundo desarmonioso que conduz Bruce à instabilidade psíquica, corporificada no tédio, na neurose e na loucura (CAROLLO, 1984), tendência essa associada ao já mencionado processo de medicalização dos corpos e à patologização dos comportamentos e sexualidades dissidentes, a novela de Victor, embora apresente notórios componentes estéticos do Simbolismo, reproduz alguns dos valores típicos do movimento naturalista. Exemplos disso são o determinismo de que o narrador lança mão para fundamentar a homossexualidade do protagonista e também o zoomorfismo presente na caracterização dos personagens, sobretudo em relação a Bruce, quando comparado a "um tigre que assanham dentro da jaula" (VICTOR, 1897, p. 137) ou quando seus soluços de choro "se foram fazendo uivos" (Ibid., p. 151).

Mas é pela transformação final do personagem em um sapo que a novela de Victor é incorporada, de forma definitiva, a um universo metafísico e sobrenatural, assumindo seu viés mais insólito. Rosenfeld (1976) afirma que a manifestação do grotesco e a estreita relação entre o homem e os animais demarcam a desorientação do personagem em face de uma realidade que lhe é estranha e incompreensível, colocando, em estado de suspensão, a ordem natural e habitual dos acontecimentos. Em "Sapo", a inadaptação do sujeito ao mundo transcende de tal forma o padrão de racionalidade, que a metamorfose do protagonista não só ocorre no nível da aparência, mas também atinge sua alma, mente e consciência. Deslocado integralmente da realidade, Bruce sucumbe à loucura e perde o sentido da própria existência e humanidade:

Ele viu malhas amarelas e verde-escuras cobrirem-lhe o corpo, os olhos saltarem-lhe, rubros, das órbitas, veio-lhe uma ânsia enorme de desabafar aquela angústia, mas, ao mesmo tempo ele sentiu uma força invencível impeli-lo para o solo, onde caiu com as duas mãos, que já lhe pareceram encurtar-se com forma de patas. Então, saltando, saltando, quadrúmano, ele começou a arrancar da alma umas notas de fazer chorar pedras, mas sob a forma horrível de um coaxar perfeito, com que despertou toda a casa, assombrada. (VICTOR, 1897, p. 206)

Conforme afirma Moisés (1985, p. 145), "o sapo representa [...] o degenerado à mercê da injustiça social", a consciência atormentada de um homem diante sua inadequação ao mundo, num contexto de instabilidade e pessimismo que deforma sua percepção acerca da realidade e de si mesmo. Louco, Bruce passa a viver como um sapo, num "hospital de

alienados, ordinariamente modorrento durante o dia, de rastros no chão" (VICTOR, 1897, p. 206). Numa perspectiva foucaultiana, a transformação monstruosa do personagem, para além de um mero episódio na história da psicopatologia, não constitui uma simples alegoria, mas sim a materialização dos efeitos decorrentes da exclusão e da degeneração que os mecanismos de vigilância, controle e poder sociais possuem sobre o indivíduo. Trata-se de uma derivação do conceito de "monstro humano" ou do "indivíduo incorrigível" que, no contexto dos séculos XVII e XVIII, representava a violação das leis humanas e naturais, mediante o estado absoluto de deformação e irregularidade anatômica do sujeito, ou, ainda, o desejo perverso e os ímpetus antinaturais de ordem espiritual, moral, instintiva, então considerados subversivos às regulamentações específicas que regiam determinados espaços sociais (FOUCAULT, 2002).

Portanto, o protagonista de "Sapo" constitui uma espécie de novo monstro, integrando a categoria dos chamados "anormais", designação fomentada a partir do final do século XIX, atribuída ao sujeito degenerado, não disciplinável e incurável, que, diante dos olhares de intolerância e reprovação, era deslocado do convívio social e passava a ocupar espaços segregados (como o hospício, no caso de Bruce), de modo a resguardar a sociedade, a manutenção da ordem e o comportamento socialmente desejável. Assim, na novela de Victor, a imagem do batráquio é a representação imagética e monstruosa do indivíduo que, desajustado perante a ordem sexual normalizadora, subverte e põe em risco as estruturas e as instituições rigidamente estabelecidas, devendo, em função de sua anormalidade, sujeitar-se ao poder punitivo do Estado e à gestão biopolítica das subjetividades.

4 A MULHER E O FEMININO NAS RELAÇÕES HOMOERÓTICAS

As relações homoeróticas retratadas nas obras analisadas são desconstituídas pela ocorrência de um mesmo fato: a interposição de uma mulher. Não seria um absurdo cogitar que a ruptura fosse provocada pela chegada de um personagem do sexo masculino: tanto Aleixo quanto Ernesto poderiam ter sido seduzidos por um outro homem. Mas a ideia dos autores parece não ter sido a de pôr fim ao relacionamento homoerótico a partir de outro; era preciso corrigir o "erro", inserindo-se uma personagem feminina que reconduzisse a narrativa em direção à heterossexualidade, encerrando-se, assim, o ciclo de perversidade e depravação sexual.

Em *Bom Crioulo*, Carola seduz e conquista Aleixo, e Amaro é sumariamente expurgado do que o narrador vai chamar de "pequena família":

[...] Ele, D. Carolina e Bom Crioulo, eram como uma pequena família, não tinham segredos entre si, estimavam-se mutuamente. (CAMINHA, 2014, p. 129)

[...] aquilo tudo que dantes fazia o encanto dos dois amigos, tinha desaparecido. Nada restava agora daquele viver comum. [...] De então em diante [Aleixo e Carola] passaram a dormir juntos, como um casal, na mesma cama larga. E ninguém pisou mais no sofázinho, agora transformado em depósito de móveis inúteis, coberto de pó, abrigo de insetos, ninho de ratos. (Ibid., p. 184)

Em "Sapo", Bruce entra em colapso e rompe de forma abrupta e violenta a relação com Ernesto, ao tomar conhecimento de que seu parceiro estava se relacionando com uma mulher: "Ele tomara à sua conta, por desvario da mocidade, uma mulher de baixa espécie, com todo o fogo da primeira paixão carnal" (VICTOR, 1897, p. 135).

Nota-se que a ideia de família apresentada por Caminha só se compõe com a chegada de uma mulher na narrativa, quando Bom Crioulo, Aleixo e Carola passam a viver juntos no sobradinho. Ainda que a relação de Aleixo e Carola não configurasse o modelo familiar desejado pela tradição oitocentista, a expressão "casal" só é utilizada para designar o relacionamento entre a ex-prostituta e o grumete, mas nunca entre este e Bom Crioulo. Dessa forma, a relação homoerótica se torna uma vítima do padrão familiar burguês, razão pela qual o romance "lança sua crítica à realização dessa ordem [...] e mostra os fundamentos sociais de sua impossibilidade" (CARA, 2014, p. 19).

Na novela da Victor, Bruce perdeu a mãe quando tinha apenas dois anos de idade e viveu "sem ter um legítimo afeto feminil, uma canção adormecedora de mulher que lhe embalasse o berço, de uma mãe que lhe pusesse na alma, beijando-lhe a fronte, o pólen de ouro de algumas doces ilusões" (VICTOR, 1897, p. 171). Com o pai, teve uma relação sem

diálogo e sem qualquer vínculo afetivo. Segundo Gama (2020, p. 456), esse histórico de ausências e um possível traço determinista de hereditariedade são apontados, ainda que de forma não conclusiva, como explicações para a "complicada" sexualidade do protagonista:

À ausência da figura materna como causa da homossexualidade de Bruce, soma-se o fator hereditário: "Achava bem possível que o velho [seu pai] tivesse a sombra daquilo de que ele, Bruce, era o relevo desesperado" e, por vezes, empregam-se vocábulos técnicos, como em "depravar-lhe a pituitária" (VICTOR, 1897, p. 174 e 150, respectivamente), ao referir-se à glândula responsável por produzir, dentre outros, os hormônios que nos homens controlam a produção de testosterona e de espermatozoides.

A mulher, portanto, seja na condição de mãe, seja na de esposa, representaria um fator de regulação e normalização na vida do homem e da família, razão pela qual, em ambas as narrativas, a relação homoerótica, uma vez inviável e inadmissível, torna-se alvo da interferência feminina, quer seja para romper o comportamento sexual considerado inaceitável para a sociedade heteronormativa, quer seja como uma possível "solução" do vício e da degenerescência patológica decorrentes de uma sexualidade disfuncional e "invertida".

Seguindo essa perspectiva, é interessante notar que, ao assumir o relacionamento com Carola e afastar-se de Amaro, Aleixo ascende a novo patamar: passa a ser mimado pela mulher, assume ar mais confiante, adquire corpo mais robusto e torna-se ainda mais belo e querido:

[...] Aleixo ia passando uma vida regalada, ora em terra, ora a bordo da corveta, sem outros cuidados que não os da sua rude profissão. Estava gordo, forte, sadio, muito mais homem, apesar da pouca idade que tinha, os músculos desenvolvidos como os de um acrobata, o olhar azul penetrante, o rosto largo e queimado. Em pouco tempo adquirira uma expressão admirável de robustez física, tornando-se ainda mais belo e querido. A portuguesa, essa vivia dele; amava-o, adorava-o! (CAMINHA, 2014, p. 183)

O mesmo ocorre com Ernesto, que, após a separação, passa a gozar de maior simpatia e afeição por parte dos colegas de trabalho, como se o relacionamento com Bruce o impedisse de progredir:

Começaram a tratá-lo com carinhos particulares e novos. Instintivamente todos compreendiam o valor do despojo. [...] Agora que os companheiros tinham o Ernesto consigo, começaram a avultar aos seus olhos. [...] Se o infeliz [Bruce] os via muito alegres, em grandes intimidades, com segredos ao ouvido do outro, tomava-se de ciúme mortal contra todos [...] (VICTOR, 1897, p. 137-138)

Conclui-se, assim, que à luz das obras analisadas, o comportamento homossexual não é tratado, apenas, como um desvio patológico e pecaminoso, mas também como uma

condição de involução. Nesse sentido, a heterossexualidade seria o caminho natural para a felicidade e prosperidade do indivíduo e, por isso, nos casos de Aleixo e Ernesto, o relacionamento com uma mulher e o conseqüente fim da relação com Amaro e Bruce, respectivamente, representam a correção da rota sexual de suas vidas, em direção à normalização, estabilidade e evolução.

Por outro lado, nota-se que Amaro e Bruce, em sentido contrário, vão vivenciar cada vez mais um estado de decadência e solidão. Imersos na profundidade e obsessão de seus sentimentos homoafetivos e nitidamente abalados pelo distanciamento ou rompimento da relação, acabam por sucumbir ao ciúme, ao sofrimento, ao desejo de vingança e ao ódio pelo mundo e pelas pessoas, sendo conduzidos a um caminho sem volta, rumo ao exílio social e à degradação pessoal.

São várias as passagens em *Bom Crioulo* que deflagram a decadência física e pessoal de Amaro após o distanciamento de Aleixo. Sem comer e descansar, o ex-escravo começa a emagrecer e definhar subitamente. Passa a levar uma vida dominada pela tristeza, amargura e pelo sentimento de vingança e malvadeza, tendo como única ideia "vingar-se do efebo, persegui-lo até a morte, aniquilá-lo para sempre!" (CAMINHA, 2014, p. 196).

Bruce também se encerra em profunda introspecção, agonia e desgosto pela vida. Perde o emprego e não consegue se recolocar profissionalmente. Sem dinheiro e sem conseguir se libertar do vício do álcool, o personagem se vê na miséria e passa a manter encontros sexuais furtivos e de puro interesse com outros homens, nutrindo, dentro de si, um inconsolável desejo de morte:

[...] mas ficara assombrado da ruína trágica que representava agora, vendo-se cheio de crimes e lama. [...] Nessa noite recolhera-se com o estômago varado de fome, sem quase o sentir, porque havia três dias não procurava alimento. Acabara por assim dizer, isolado de todos, sem comer, principalmente sem dormir [...] Achava-se incompatível de viver, indigno de ter por amigos até os cães. Queria a morte [...] (VICTOR, 1897, p. 203)

Isso demonstra que, para além do sofrimento íntimo, das dores e inquietudes da alma, o homoerotismo masculino, no fluxo do pensamento determinista em voga no contexto temporal das narrativas, repercute de forma avassaladora e degenerativa em outros aspectos da vida dos personagens homossexuais, como na saúde do corpo, no convívio social e na produtividade do trabalho, além, é claro, de ser apontado como justificativa para sérios e hediondos desvios de ordem moral, a exemplo do ódio obsessivo e o desejo de matar, no caso de Bom Crioulo, e a prática de comércio sexual para sobrevivência, no que se refere a Bruce. Por outro turno, a mudança de trajetória ocorrida nas vidas de Aleixo e Ernesto a partir do

relacionamento com uma mulher, denota que a heterossexualidade seria a condição natural e propícia para o pleno e salutar desenvolvimento pessoal e social do indivíduo.

A interposição do feminino nas relações homoeróticas também pode ser observada na construção, descrição e caracterização dos personagens ao longo das narrativas analisadas, sendo evidente que a relação entre Bom Crioulo e Aleixo e entre Bruce e Ernesto é inculpada a partir da polarização homem-mulher, seguindo um arquétipo heteronormativo. Amaro e Bruce são descritos como o polo masculino da relação, enquanto Aleixo e Ernesto como o feminino. Isto é, a atração homoerótica é "justificada" pelo desejo que o masculino de um personagem sente pelo feminino do outro. Ainda que se trate de dois homens, o elemento feminino precisa estar presente para justificar o desejo sentido, em consenso com comportamento padrão heterossexual. O desvio estaria na conduta de, exatamente, procurar e desejar o feminino em um outro homem, como se fosse inconcebível dois homens tipicamente masculinos se desejarem mutuamente.

Na obra de Caminha, Amaro é um marinheiro negro, ex-escravo, alto, forte, jovem (30 anos), de comportamento meigo, admirado e respeitado pelos oficiais e demais companheiros do serviço militar. Cumpria, com afinco, as tarefas de seu ofício, assumindo o posto de gajeiro de proa. Apesar dos excessos da disciplina militar, encontrou na Marinha o reconhecimento pelo seu trabalho e, de certa forma, a percepção de que vivia em condições de igualdade com os demais. O mar representava para ele a expressão de uma liberdade infinita e de soberania absoluta. Mas é sua descrição física o que mais impressiona:

Não havia osso naquele corpo de gigante: o peito largo e rijo, os braços, o ventre, os quadris, as pernas, formavam um conjunto respeitável de músculos, dando uma ideia de força sobre-humana, dominando a maruja, que sorria boquiaberta diante do negro. Desde então Bom Crioulo passou a ser considerado um "homem perigoso" exercendo uma influência decisiva no espírito daquela gente, impondo-se incondicionalmente, absolutamente como o braço mais forte, o peito mais robusto de bordo. (CAMINHA, 2014, p. 88)

Apesar da aparente docilidade, Bom Crioulo se transfigurava ao beber, tornando-se uma pessoa violenta que, costumeiramente, envolvia-se em confusão e brigas. Armado com sua navalha e com olhos incendiados, o personagem é descrito como uma "fera desencarcerada" quando embriagado, sendo, por isso, temido pelos seus companheiros (CAMINHA, 2014, p. 78-79). O álcool, assim, funciona como um elemento potencializador dos instintos mais primitivos do protagonista, privando-o da razão e deixando à mostra uma parte então latente de sua verdadeira natureza, que, no fim da narrativa, eclode com o assassinato de Aleixo.

No que se refere às experiências afetivas e sexuais, pode-se afirmar que a vida de Bom Crioulo foi marcada pelo fracasso. Desde a juventude, já demonstrava pouco interesse pelas mulheres, e as duas tentativas de consumação do ato sexual descritas na obra foram absolutamente frustrantes:

Sua memória registrava dois fatos apenas contra a pureza quase virginal de seus costumes, isso mesmo por uma eventualidade milagrosa: aos vinte anos, e sem o pensar, fora obrigado a dormir com uma rapariga em Angra dos Reis, perto das cachoeiras, por sinal dera péssima cópia de si como homem; e, mais tarde, completamente embriagado, batera em casa de uma francesa no largo do Rocio, donde saíra envergonhadíssimo, jurando nunca mais se importar com "essas cousas"... (CAMINHA, 2014, p. 96)

Nesse sentido, ao descrever a ocasião na qual Bom Crioulo e D. Carolina se conheceram, o narrador deixa claro que não havia qualquer interesse sexual entre eles, mas tão somente uma grande amizade, pois a mulher conhecia as preferências do amigo e "sabia que o negro não era homem para mulheres" (CAMINHA, 2014, p. 123).

Embora a narrativa não traga nenhum registro acerca de eventuais desejos homoeróticos sentidos por Bom Crioulo antes de conhecer Aleixo, é importante frisar que, assim como o protagonista ouvia rumores acerca de relações travadas entre o comandante Albuquerque e seus afeiçoados, não seria estranho que, durante sua vida em cativeiro, também tivesse presenciado ou sabido de algum relacionamento homoerótico entre escravos e brancos. Conforme ressalta Mott (1985, p. 104):

Imbuídos da ideia de que "abaixo do Equador não há pecado", favorecidos pela imensidão da terra e falta de controle policial e moral, beneficiados pela situação colonial que conferia aos brancos o direito legítimo de usar (e abusar) dos negros e índios seus escravos [...] só nos resta concluir que a "Terra dos Papagaios" era ambiente muito favorável ao desenvolvimento de expressões sexuais mais livres e criativas.

Analisando uma série de dados coletados na era do Brasil colonial, o mesmo autor informa que nem sempre as relações homoeróticas se davam por iniciativa do homem branco, sendo registradas diversas ocorrências em que o indivíduo negro era o "sedutor", desempenhando, inclusive, a função ativa no ato sexual. Nestes casos, diante da datada perspectiva de correlacionar o papel ativo ao dominador e o passivo ao dominado, haveria uma inusitada inversão em relação ao parâmetro hierárquico vigente (MOTT, 1985, p. 110), exatamente como se observa em *Bom Crioulo*: é o negro, ex-escravo, quem seduz e ocupa a posição ativa na relação com o grumete branco.

Já Aleixo é caracterizado como uma antítese de Amaro. Com 15 anos, loiro, de olhos azuis e formas arredondadas, o grumete vinha de uma família pobre de pescadores de Santa Catarina. As descrições não deixam dúvidas: Aleixo é um andrógino, um efebo, personagem biologicamente masculino, mas com aparência e traços de personalidade femininos. Essa ambiguidade é reforçada pela própria profissão de marinheiro, dividido entre terra e água, aliás como o anfíbio que intitula a novela de Nestor Victor. É justamente a natureza instável da identidade sexual do grumete que despertará o desejo tanto de Amaro quanto de Carola.

Para Mendes (2000), Aleixo não é nem homem, nem mulher, mas possivelmente os dois, apresentando, assim, um magnetismo capaz de atrair pessoas de qualquer sexo. A beleza de Aleixo vai reorganizar as hierarquias dentro do navio: chamados por todos como “príncipezinho”, o grumete recebe o título aristocrático que o coloca em uma posição de superioridade.

Quando a bordo, Aleixo goza da imediata proteção e dos conselhos de Amaro, que já apresentava notório interesse em se aproximar do grumete. Como uma mulher do século XIX, Aleixo, tímido e frágil, precisa ser protegido e tutelado. Estabelece-se entre eles uma relação erótico-pedagógica, na qual Bom Crioulo, com o claro intuito de satisfazer seus desejos homoeróticos pelo grumete, vai ensinar-lhe tudo, desde as tarefas mais simples do convés, até o modo correto de usar e ajustar seu uniforme.

Diante do assédio cada vez mais explícito de Bom Crioulo, Aleixo acaba cedendo à pressão do marinheiro mais experiente, não propriamente por reciprocidade do desejo, mas por sentimento de gratidão e pelo interesse nas promessas feitas por Bom Crioulo. Na primeira noite de sexo, dentro da embarcação, contrapõem-se o apetite voraz de Amaro e a passividade silenciosa de Aleixo:

Depois de um silêncio cauteloso e rápido, Bom Crioulo, conchegando-se ao grumete, disse-lhe qualquer coisa no ouvido. Aleixo conservou-se imóvel, sem respirar. [...] Viu passarem, como em sonho, as mil e uma promessas de Bom Crioulo [...] lembrou-se do castigo que o negro sofrera por sua causa; mas não disse nada. [...] Começava a sentir no próprio sangue impulsos nunca experimentados, uma vontade ingênita de ceder aos caprichos do negro, de abandonar-se-lhe para o que ele quisesse, - uma vaga distensão dos nervos, um prurido de passividade... (CAMINHA, 2014, p. 109)

Já no quartinho da rua da Misericórdia, Aleixo se sente incomodado com as extravagâncias e excentricidades sexuais exigidas por Amaro, sentindo-se "um escravo, uma ‘mulher à toa’ [...]" (CAMINHA, 2014, p. 127). Quando Bom Crioulo pede que o grumete tire

a roupa para poder contemplá-lo, numa espécie de *strip-tease*, Aleixo retruca, mostrando-se desconfortável e contrariado, porém acaba cedendo, mais uma vez:

[...] Aleixo surgia-lhe agora em plena e exuberante nudez, muito alvo, as formas roliças de calipígio [...] Belo modelo de efebo [...] Bom Crioulo ficou extático! A brancura láctea e macia daquela carne tenra punha-lhe frêmitos no corpo [...] Nunca vira formas de homem tão bem torneadas, braços assim, quadris rijos e carnudos como aqueles... Faltavam-lhe os seios para que Aleixo fosse uma verdadeira mulher!... Que beleza de pescoço, que delícia de ombros, que desespero!... Dentro do negro rugiam desejos de touro ao pressentir a fêmea [...]. (CAMINHA, 2014, p.127-128)

É notória a passividade de Aleixo que, para o horizonte do século XIX, assumia, integralmente, a condição de mulher na relação com Amaro. De fato, ele era visto e tratado como tal, servindo às vontades e aos seus desejos de seu amante. Pela transcrição acima, percebe-se, ainda, que o deslumbre de Bom Crioulo recai sobre partes do corpo de Aleixo que são, geralmente, admiradas nas mulheres, como quadris, nádegas, pescoço e ombros. Diante dessa perspectiva, parece que o narrador, de modo estratégico, procura amenizar o impacto do fato assombroso que revela ao leitor (o próprio desejo homoerótico), usando "categorias tradicionais, próprias das relações heterossexuais, para descrever a atração de Bom Crioulo por Aleixo, [dando] vida ao novo e ao estranho através de categorias conhecidas" (MENDES, 2000, p. 176).

Outro atributo valorizado em Aleixo durante a narrativa de Caminha é sua virgindade. Como sabido, no contexto do século XIX, a virgindade feminina era critério de valorização da honra e de preservação da vida social, sendo considerada "honesta" ou "de família" a mulher que guardasse seu corpo para o marido, casando-se virgem. No entanto, a mesma regra de castidade não era exigida dos homens, que sempre gozaram de maior aceitação e tolerância, inclusive no que se referia às relações sexuais extraconjugais. Com efeito, ao se valorizar e enfatizar a virgindade de Aleixo, a narrativa posiciona o personagem dentro do universo feminino oitocentista, ressaltando sua androginia.

Ainda sobre este aspecto, a natureza andrógina do grumete também desperta o desejo e a cobiça de Carola, de quem, mais tarde, ele vai se tornar amante:

Achava uma graça infinita naquele pedacinho de homem vestido de marinheiro, alvo e louro, sempre muito bem penteado, o cabelo sedoso, os borzeguins lustrosos, todo ele cheirando a essência, como uma rapariga que vai se fazendo mulher... (CAMINHA, 2014, p. 129)

Havia no rosto imberbe e liso do grumete uns tons fugitivos de ternura virginal, o quer que era breve e delicado, a branca melancolia de certas flores, o recolhimento ingênuo e discreto de uma educanda; [...] Era uma pena, decerto, ver aquele rosto de

mulher, aquelas formas de mulher, aquela estatuazinha de mármore, entregue às mãos grosseiras de um marinheiro, de um negro... (Ibid., p. 170-171)

Insatisfeito com os rumos de sua vida ao lado de Amaro e aproveitando-se da ausência do protagonista que é convocado para servir em outra embarcação, Aleixo passa a cogitar outras possibilidades, inclusive "encontrar algum homem de posição, de dinheiro" (CAMINHA, 2014, p. 136). É nesse contexto que, astutamente, Carola se aproxima cada vez mais do grumete, fazendo de tudo para agradá-lo e provocá-lo. Após se declarar, a ex-prostituta se lança ao efebo e o ato sexual acontece. O que chama a atenção é a passividade de Aleixo que, mesmo diante de uma mulher, permanece. Conforme descreve Mendes (2000, p. 152), "Carola Bunda é uma mulher-homem que seduz um homem-mulher", cabendo a ela a iniciativa, a condução e o domínio de todo o ato.

A feminilidade de Aleixo atrai Carola, não por ela ser homossexual, mas porque ela é caracterizada como uma mulher fálica, isto é, masculinizada. Entre eles ocorre uma espécie de "heterossexualidade inversa", em que a mulher assume o papel do masculino, e o homem, o do feminino, permitindo, ainda que de modo enviesado, o encontro dos diferentes polos sexuais. Desse modo, se Aleixo encarna o papel feminino nas relações que estabelece no curso da narrativa, então, tanto Bom Crioulo quanto Carola precisam cumprir o papel masculino, preservando-se, assim, a moldura heteronormativa que delimita e justifica a própria atração homoerótica.

Os personagens Bruce e Ernesto, da novela de Nestor Victor, também são caracterizados de formas bem distintas:

Entre os dois um contraste de aparências completo. Enquanto o Bruce tinha aquela compostura inalterável, aquela rígida gravidade de maneiras, todos os membros do corpo em disposição determinada para fazer conjunto, que já se fixara de um modo definitivo, irrevogável, o outro era todo desconjuntado, atirava as pernas à toa, um passo cá, um passo lá, como marinheiros em terra, trazia os braços sem saber onde pô-los, e era alegre, ria, ria a perder, por qualquer frase que o amigo, olhando para diante, dizia entre os dentes, enquanto este guardava, apesar dessa hilaridade que provocara, os seus modos soberanos e sérios. (VICTOR, 1897, p. 139)

A descrição comparativa acima e algumas outras apresentadas de forma sucinta no decorrer da narrativa deixam claro que, assim como acontece com Amaro e Aleixo, o relacionamento entre Bruce e Ernesto tem posições bem definidas: Bruce, mais velho (30 anos), mais confiante, de postura nitidamente dominadora, está no polo masculino da relação; já Ernesto, mais novo (24 anos), acanhado e submisso, de "lábios frescos e delicados" e com "olhos brandos e lágrimas femininas", ocupa o lado complementar (VICTOR, 1897, p.131; 133).

Logo no início da narrativa, após uma troca de ofensas, Bruce agride fisicamente Ernesto, esbofeteando-o. Na descrição da cena, o narrador compara a abordagem violenta de Bruce sobre Ernesto à perseguição sexual de um macaco a uma fêmea indefesa:

Essa calma, dentro desse desvario, parecia vir-lhe da consciência absoluta de sua superioridade sobre a vítima. Ele como que punha naquilo uma volúpia sexual de conquistador primitivo. Era semelhante ao antropeide vencendo pelo terror a fêmea que lhe estava revel. (VICTOR, 1897, p.134)

Ademais, a maneira como Bruce expulsa Ernesto do quarto após a briga, arrastando-o pelos cabelos, também denota, ainda que fundamentado em questionado estereótipo, o trato feminino dado ao personagem mais novo: "Abriu a porta com energia e puxando os cabelos ao Ernesto atirou-o para fora com um pontapé sobre a bunda" (VICTOR, 1897, p.135).

A relação dos personagens também é marcada pelo sentimento de posse: "Aquela mulher se lhe tornara uma espécie de rival, uma concorrente insuportável que lhe andava pleiteando essa posse afetiva, da qual já se habituara ele a ser o exclusivo senhor" (VICTOR, 1897, p.136). Considerando o contexto familiar do final do século XIX, Bruce se sentia proprietário de Ernesto, tal como o marido exercia seu senhorio sobre a esposa.

A vida sexual de Bruce em relação às mulheres é marcada pelo fracasso, tal como acontece com Bom Crioulo. Em suas lembranças, o personagem revive a experiência frustrada com uma prostituta, quando, sem conseguir consumir o ato sexual, demonstra nojo e ojeriza, a ponto de vomitar, assumindo que "Eu sou assim! Eu não posso estar com vocês, mulher!" (VICTOR, 1897, p.166). A reação de Bruce vai ao encontro do que afirma Castro (1943, p.229-230):

Todos os pederastas experimentam pela mulher repulsão e desgosto; quando a aberração está plenamente instalada, a impotência em face do outro sexo é quase radical. [...] O sexo feminino só lhes inspira aversão e desgosto, a mais formosa mulher não lhes excita a mínima sensualidade. O coito que tentam, fica frustrado pela impotência absoluta. A repulsão é profunda, invencível. Obrigados ou a guardar uma continência perpétua ou a ceder à inclinação, acabam entregando-se ao amor antifísico que para eles é o natural.

Em correlação à obra de Caminha, interessante notar que tanto Bruce quanto Bom Crioulo provocam, nos seus companheiros de trabalho, um semelhante sentimento de medo. A diferença é que Amaro o faz por meio de sua presença física e ameaçadora, sobretudo quando bebia. Já Bruce, comparado a "um hipopótamo exilado num reino de pulgas" (VICTOR, 1897, p. 157), despertava temor por sua atitude altiva, orgulhosa e de superioridade frente àqueles que o maldiziam pelas costas: "[...] desde que o Bruce chegava

estremeciam em sua presença, quase que se tomavam de pânico e entravam numa reserva desesperada e morna, como dentro da concha o caracol" (Ibid.). O medo, assim, pode ser compreendido como uma reação coletiva diante do desconhecido, do anormal e da incompreensão perante a sexualidade dos personagens, encarada como uma perigosa doença ou manifestação de loucura.

Certa associação também pode ser feita entre os personagens Aleixo e Ernesto. O grumete de *Bom Crioulo* provém de uma família pobre de pescadores de Santa Catarina, que o obrigou a se alistar (CAMINHA, 1895, p. 91). Por sua vez, de origem também provinciana, Ernesto foi igualmente compelido pela família a buscar emprego no comércio da cidade, acatando, sem qualquer oposição e mesmo contrariado, a vontade dos pais (VICTOR, 1897, p. 146). O traço de submissão é comum aos dois personagens, e o trabalho - seja na Marinha, seja no comércio - é apresentado como uma forma de condução do indivíduo ao papel social exigido para o homem oitocentista, em função dos ideais de virilidade e produtividade.

Numa minuciosa análise a respeito da construção subjetiva do sujeito homossexual ao longo da história, Costa (1992) procura desmitificar algumas ideias e estigmas que não abarcam, de forma escorreita, a compreensão do tema. Entre outras ponderações, o autor defende que a expressão homoerótica entre dois homens não excluiria, *per si*, a capacidade de manter relações sexuais com mulheres. Do mesmo modo, Costa refuta a existência de uma "substância homossexual orgânica ou psíquica comum a todos os homens com tendências homoeróticas" (p. 22), que fosse capaz de caracterizar uma "atração única, uniforme e suficiente para definir a identidade sexual, social e moral de uma pessoa" (p. 29). Nesse sentido, a "divisão dos homens em heterossexuais e homossexuais é tão arbitrária e datada como qualquer outra" (p. 44), sendo fruto de uma convenção da cultura e da linguagem, com objetivo moralmente normativo.

Green (2000, p. 28) assevera que "Os papéis sexuais [...] são significativamente mais importantes que o parceiro sexual que alguém possa ter", trazendo à baila as discussões havidas em torno da construção de uma identidade homoerótica a partir do comportamento "ativo" ou "passivo" do sujeito na relação sexual, sendo que:

[...] o homem "passivo", sexualmente penetrado, é estigmatizado, aquele que assume o papel público (e supostamente privado) do homem, que penetra, não o é. Desde que ele mantenha o papel sexual atribuído ao homem "verdadeiro", ele pode ter relações sexuais com outros homens sem perder seu status social de homem. (Ibid.)

O autor retrata, ainda, a questão do estereótipo que vincula a ideia de homossexualidade masculina com efeminação, segundo o qual sujeitos com características

femininas e efeminadas personificariam "o oposto dos traços comportamentais normativos de virilidade e masculinidade esperados dos homens [...]" (Ibid., p. 26). Trata-se de uma oposição binária amparada pelas "categorias de gênero predominantes e definidas heterossexualmente, o homem e a mulher" (Ibid., p. 27). Com efeito, o homem efeminado ou aquele que, no ato sexual, assumisse o papel de passivo, estaria na posição inferior da mulher.

Contudo, se por um lado, a descrição estigmatizada dos personagens homossexuais está presente em ambas as narrativas, por outro, na esteira do que Costa rechaça a respeito da categorização da expressão homoerótica masculina como excludente da capacidade do sujeito de viver uma relação heterossexual, é possível depreender um fato no mínimo inusitado: são exatamente os personagens descritos com características femininas (Aleixo e Ernesto) que vão "abandonar" o comportamento homoerótico e se relacionar com uma mulher. Já Amaro e Bruce, que compõem o lado masculino e ativo da relação, sem qualquer traço nítido de afeminação, mostram-se "disfuncionais" em relação ao sexo heterossexual, dadas as frustradas tentativas de consumir o ato sexual com mulheres, conforme apresentado nas narrativas de Caminha e Victor.

Portanto, ainda que no curso das obras analisadas, a mulher desponte como elemento de ruptura e correção do comportamento homoerótico, e que o feminino esteja presente na caracterização física, comportamental e na atribuição dos papéis sexuais dos personagens homossexuais, de modo a polarizar as relações dissidentes à luz de uma perspectiva heteronormativa, quaisquer estereótipos – forjados a partir de traços descritivos mais ou menos femininos – mostram-se absolutamente imprecisos e insuficientes para definir ou categorizar, de forma estanque e absoluta, a sexualidade do indivíduo.

5 CONCLUSÃO

As reflexões promovidas a partir da presente monografia pretendem não só aprofundar a compreensão de como a ficção brasileira, num primeiro momento, tratou as relações homoeróticas e a construção dos personagens homossexuais, mas também enfatizar a importância do liame estabelecido entre a sociedade e os textos literários, seja como projeção das condições sociais e históricas havidas em um determinado período, seja como instrumento de denúncia, resistência e subversão diante de uma ordem impositiva e silenciadora.

Apesar das nítidas marcas históricas e do pensamento heteronormativo e determinista predominantes na época de suas produções, as obras analisadas denotam ousadia e coragem por parte de seus respectivos autores, que, mesmo em contexto tão hostil à temática do homoerotismo, deram voz e visibilidade a personagens que, até então, eram posicionados à margem e relegados ao esquecimento pela literatura nacional.

Ao lado das narrativas propriamente ditas, os textos críticos que fundamentaram a presente pesquisa descrevem como o homoerotismo, no final do século XIX, para além dos preceitos religiosos já consolidados, passou a ser objeto de registro nos compêndios médicos, jurídicos e científicos, sendo definido como uma patologia psíquica - congênita ou adquirida - que conduziria o sujeito homossexual a um estado de degenerescência e a um comportamento depravado, improdutivo e perigoso para a manutenção da ordem social e dos valores da família burguesa oitocentista. Dessa forma, o fim trágico de ambas as obras aponta para a inviabilidade do desejo homoerótico, restando, ao sujeito homossexual, a exclusão social, o encarceramento, o hospício.

A inserção da mulher como estratégia para o restabelecimento da ordem sexual considerada "normal" ou "natural", fundamenta-se na ideia de que a heterossexualidade é a única expressão da sexualidade humana capaz de conduzir o indivíduo ao progresso e à felicidade. Do mesmo modo, o componente feminino presente nas descrições de Aleixo e Ernesto denotam que as relações homoeróticas nas obras de Caminha e Victor são delineadas a partir de uma perspectiva heteronormativa, sempre associada ao desejo sexual e afetivo de um homem (masculino) por uma mulher (feminino), a partir do qual se justificaria a existência do próprio comportamento homoerótico, ainda que sob a configuração de um vício, doença ou crime.

Ressalta-se que o presente estudo monográfico não consiste numa crítica ou contradiscurso ao pensamento literário manifestado pelos autores de *Bom Crioulo* e "Sapo", mas sim num recurso a mais para compreendê-los, de modo a pensar como a literatura

brasileira pode avançar em direção a uma perspectiva mais representativa, que transcenda a ideia de degenerescência, desvio e antinorma atribuída ao sujeito homossexual, e trate as relações homoeróticas como apenas mais uma das expressões possíveis da sexualidade humana. Por conseguinte, a pesquisa realizada pode ser continuada, relacionando-se as obras estudadas com outras produções literárias que abarquem o mesmo tema, traçando-se os pontos convergentes e divergentes apresentados pelos diferentes autores, em diferentes momentos da história.

Além das implicações socioculturais suscitadas pelo estudo, as qualidades estéticas das narrativas referenciadas possibilitam uma imersão profunda nas estruturas textuais fundantes da ficção brasileira do final do século XIX. As peculiaridades da linguagem, por exemplo, permitem ao leitor experimentar o inusitado dos fatos narrados e viver uma profusão de sentidos, além de questionar e subverter a ordem de pensamentos impostos como regras pela sociedade. Assim, abrem-se novos caminhos para a formação de uma opinião crítica e para descoberta de novas chaves de leitura, ampliando-se as possibilidades que, por meio da literatura, dão voz aos oprimidos e colaboram para a concretização de seus direitos cívicos e realização de seus mais íntimos projetos de vida. É preciso, portanto, cada vez mais, incentivar e valorizar a produção da literatura homoerótica, tomando-a como uma importante ferramenta de conscientização social e de aprofundamento das discussões literárias acerca do tema, fazendo ecoar a voz de tantos que, ainda subjugados pelo estigma e preconceito, clamam por justiça, tolerância e igualdade.

REFERÊNCIAS

ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. Estilo tropical: a fórmula do naturalismo brasileiro. In: BOSI, Alfredo (Org.). *Araripe Júnior: teoria, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. São Paulo: EDUSP, 1978.

_____. Decadismo, Simbolismo, Instrumentalismo. In: CAROLLO, Cassiana. *Novidades*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; Brasília: INL, 1980.

CAMINHA, Adolfo. *Bom Crioulo*. 1 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CANAVEZ, Fernanda; HERZOG, Regina. A singularidade do sintoma: por uma crítica psicanalítica à idéia de origem. In: *Psicologia clínica*. Rio de Janeiro, v.19, n.1, p. 109-124, 2007.

CANDIDO, Antonio. *Iniciação à Literatura Brasileira*. 3 ed. Humanitas: São Paulo, 1999.

CARA, Salete de Almeida. Apresentação. In: CAMINHA, Adolfo. *Bom Crioulo*. São Paulo. Ateliê Editorial, 2014.

CAROLLO, Cassiana. Recusa à concepção técnico-analítica do mundo: os signos da ruptura. In: *Decadismo e Simbolismo no Brasil: crítica e poética*. Seleção e apresentação. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; Brasília: INL, 1980.

CASTRO, Francisco José Viveiros. *Atentado ao pudor: estudos sobre as aberrações do instinto sexual*. 4.ed. aumentada. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1943 [1895].

COLAVITO, Jason. *Knowing Fear; Science, knowledge and the development of the horror genre*. Jefferson, NC: McFarland, 2008.

COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

FOCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FRANÇA, Julio. O sequestro do Gótico no Brasil. In: FRANÇA, Julio; COLUCCI, Luciana (orgs.). *As nuances do Gótico: do Setecentos à atualidade*. Rio de Janeiro: Bonecker, 2017.

_____. As sombras do real: a visão do mundo gótica e as poéticas realistas. In: *Literatura Brasileira em Foco VI*. Rio de Janeiro: Casa Doze, 2015, p. 133-146.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo, Brasiliense, 1983.

GAMA, Zadig Mariano Figueira. "Leituras de *Signos*, de Nestor Victor, e o caso da novela 'Sapo'". In: *Diadorim*, v.22, n.1, Rio de Janeiro, 2020, p. 442-459.

GREEN, James N. *Além do carnaval: A homossexualidade masculina do Brasil no século XIX*. Trad. Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: UNESP, 2000.

GREEN, James N.; POLITO, Ronald. *Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade no Brasil (1870-1980)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

MAIA, Helder Thiago. Ferreira Leal, o litterato gasto. In: LEAL, Ferreira. *Um homem gasto: episódio da história social do século XIX - estudo naturalista (1885)*. 1. ed. Uberlândia: O sexo da palavra, 2019, p. 17-27.

MAZZIEIRO, João Batista. Sexualidade Criminalizada: Prostituição, Lenocínio e Outros Delitos - São Paulo 1870-1920. In: *Revista Brasileira de História*. v.18, n.35, 1998, p. 247-285.

MENDES, Leonardo. *O retrato do imperador*. 1 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

_____. As qualidades da incorreção: o romance naturalista no Brasil. In: MELLO, Celina Maria Moreira de; CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira (orgs). *Crítica e movimentos estéticos: configurações discursivas do campo literário*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p. 137-165.

_____. Naturalismo com aspas: *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, a homossexualidade e os desafios da criação literária. *Revista Gragoatá*. Niterói, n. 14, 1 sem., 2003, p. 29-44.

MISKOLCI, Richard. *Thomas Mann, o artista mestiço*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira: simbolismo*. São Paulo: Cultrix, 1985.

MOTT, Luiz. Relações raciais entre homossexuais no Brasil Colônia. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.5, n.10, p. 99-122, março/agosto 1985.

MURARI, Luciana. A vida e os prêmios que ela comporta: darwinismo social e imaginação literária no Brasil. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. n. 11, Porto Alegre: ABRALIC, 2007, p. 155-188.

MURICY, Andrade. *O símbolo à sombra das araucárias (Memórias)*. Conselho Federal de Cultura, 1976.

OLIVA, Osmar Pereira. *O corpo e a voz: inscrição do masculino em narrativas queirosianas*. 2002. 273 p. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

QUEIROZ, Luiz Gonzaga Morando. *Transgressores e transviados: a representação do homossexual nos discursos médico e literário no final do século XIX (1870-1900)*. 1992. 169f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1992.

ROMERO, Sílvio. A literatura em perspectiva. In: CANDIDO, Antonio (Org.). *Sílvio Romero: teoria, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1978.

ROSENFELD, Anatol. *Texto/contexto*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade*. 6. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Record, 2004.

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. São Paulo: Letras & Letras, 1998.

VICTOR, Nestor. Sapo. In: *Signos*. Rio de Janeiro: Tipografia Correia/Garnier, 1897.